



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

COORDENADAS PARA UMA LEITURA DOS MOVIMENTOS DA
SEDUÇÃO

www.voxinstituto.com.br

COORDENADAS PARA UMA LEITURA DOS MOVIMENTOS DA SEDUÇÃO

Laerte de Paula

Só são doentes os que estão profundamente fora da sedução... E a psicanálise, que pensa tratar as doenças do desejo e do sexo, na verdade trata as doenças da sedução.

(Baudrillard, 1991, p. 138)

Resumo

A sabedoria popular e os dicionários legaram à palavra sedução uma reputação pouco digna. Ora significada como *convencer com arte e manha, persuadir com astúcia, sob promessa de vantagens*, ora associada a *enganar, corromper e subornar*, é possível dizer que somente uma pequena parte da sedução se enlaça a essas acepções. Acontece sedução toda vez que uma diferença irrompe em uma articulação significativa, seja através de uma subversão, uma escansão, uma disjunção de sentidos. Trata-se de um efeito sutil: ela faz vacilar uma ligação mais do que retificá-la; ela inclui uma ambiguidade mais do que substitui um sentido por outro; ela produz uma triangulação, na qual o referente original se torna incerto. Deste modo, a sedução é o efeito decorrente de uma abertura que força um rearranjo das referências que organizam e sustentam um determinado sentido e convoca o sujeito em sua divisão como falante. Neste percurso, este se vê deslocado em sua relação com a língua: seduzido.

Neste trabalho, propõe-se uma introdução a este campo a partir da proposta de pensar a sedução como um efeito indissociável das condições da trama significativa e da relação que o falante sustenta com esta estrutura. É o caso aqui de propor uma incursão em busca da história do termo para, a partir daí, recolher sua potência e seus impasses para um início de reflexão com o campo clínico.

Palavras-chave: sedução, psicanálise, linguagem

Introdução

Não é incomum que alguns termos, uma vez apropriados por um determinado autor ou mesmo por um campo de saber, acabem adquirindo novos contornos, sendo ressitoados em sua articulação com outros conceitos e tendo seus usos a partir daí subvertidos.

No campo analítico, diversos termos receberam um tratamento de tipo: com Freud, a compreensão da sexualidade foi ampliada, bem como as noções de trauma, realidade e inconsciente, para citar apenas alguns. Com Lacan, a noção de sujeito, de real, ou mesmo de linguística e significante, receberam uma abordagem própria (permanentemente rearranjadas ao longo de seu ensino) que conferem usos bastante particulares a cada uma.

Todavia, existe um termo que permanece negligenciado ao longo da história da psicanálise, sujeito a mal entendidos de diferentes aspectos: é o termo sedução. Ainda que seu uso conste textualmente em Freud, convém retomar aqui um esforço para conferir à sedução um lugar de maior consideração com vistas à sua reabilitação no debate teórico-clínico, já que o permanece sujeito a incompreensões dignas de nota.

O recurso à etimologia

A investigação da história da palavra sedução nos permite ordenar elementos fundamentais para uma primeira abertura. A sedução é, antes de qualquer coisa, uma experiência de deslocamento, passagem de um ponto a outro.

Em sua dimensão etimológica, abriga traços complementares e, no entanto, distintos que, aqui, oferecem uma introdução tripartida: *desvio*, *separação* e *transporte*. Derivada do latim, tal termo enfatiza estas vias destacadas: *seductio* ou *seducere* apontam para um tirar à parte, desviar do caminho, separar de um lugar.

Ao recolhermos os fragmentos que compõem a palavra, encontramos o prefixo *se* como partícula que marca a condição de afastamento e o verbo *ducere*, que significa conduzir, levar, tirar à parte. Pelo momento, chamemos estes de *efeitos iniciantes* da sedução uma vez que, a partir do deslocamento que a sedução faz operar, derivará uma miríade de desdobramentos e significações que caberão ser pensadas como efeitos *ulteriores*. Horror, paixão e invenção são os principais efeitos que frutificarão daí.

Tomemos como exemplo alguns trechos de um texto antigo bastante conhecido. Em *Metamorfoses* (2017), o poeta Ovídio recorre à palavra sedução para distintas ações: (1) *Hunc tenuit blandaque manu seduxit et illi: Abeirando-se deles, o chamou à parte;* (2) *Et ex alto seductas aequore longe: As terras separadas do extenso mar;* (3) *Seducunt castra uolatu: A força divide-se em vôo.;* (4) *Seductos nacta recessus: Um recanto de mar afastado*¹.

Algumas línguas guardam em seu bojo esta conexão entre a sedução e o papel daquele que a agencia. Se o verbo *ducere* diz da condução, Mussolini, por exemplo, autoproclamava-se *Il duce*, o líder que conduziria a nação italiana. Na Roma Antiga, os imperadores, cônsules e comandantes das tropas eram chamados de Dux. No alemão encontramos a mesma similaridade: enquanto *verführung* corresponde à palavra sedução, *führer* é a palavra que nomeia o líder. Em holandês, *verleiding* e *leider*. Como lembrança, temos ainda o lema que ilustra o brasão paulistano *Non ducor, duco* (não sou conduzido, conduzo). Vale apontar outras relações a partir da mesma raiz que podem ser ilustrativas: *pro-duzir* corresponde a guiar para frente, dar a ver, enquanto *e-ducar* significa tirar para fora. Em todos estes casos, a experiência descreve o movimento de ser levado de um lugar a outro.

Convém ainda dar algum contexto à mutação que o significado da palavra sofreu ao longo dos séculos: foi somente a partir do tratamento narrativo realizado pelos moralistas cristãos – Santo Agostinho, Clemente de Alexandria e Tertuliano, por exemplo – que seduzir passa a privilegiar a dimensão da tapeação e da ruína (econômica, moral ou física) do seduzido. Deste modo, a sedução compreendia tudo aquilo que *afastava* ou *separava* o homem de Deus e do caminho do bem: prazeres enganosos, vaidade, adulação, preguiça, egoísmo, etc.

Fica claro até aqui, portanto, que a sedução nos desloca do início. Mas para onde ela conduz?

Da crise na linguagem ao deleite de saber

A sedução começa a se insinuar na medida em que um falante é deslocado, desviado, transportado no terreno da linguagem. Aliás, convém esta ênfase: tal

¹ OVIDIO. *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017. Respectivamente: (1) pp. 148-149; (2) pp. 256-257; (3) pp. 706-707 e (4) pp. 726-727. Para mais referências do latim antigo, remeto o leitor interessado ao dicionário online <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=seduco>.

acontecimento é, por excelência, uma experiência *de* e *na* linguagem, incidindo necessariamente na posição que ocupamos nela. Ainda que a sedução possa contar com a potência dos objetos voz e olhar, é na linguagem que ela adquire sua dimensão de *jogo*.

No entanto, tal definição ainda não basta para circunscrever a especificidade da sedução, sendo preciso articular melhor esta premissa. Baudrillard, que desenvolveu uma obra formidável a respeito do tema, propõe que *a sedução é o que desloca o sentido do discurso* (1991, p. 61), na medida em que abala e desaloja os referentes em torno dos quais o falante se situa.

Deste modo, a sedução faz com que o sujeito se descole de sua posição inicial, na medida em que é uma forma de fazer vibrar, mover os contornos do lugar onde se enraízam e se assentam os limites de nossa identidade. O psicanalista Daniel Sibony escolhe uma boa imagem quando diz que a sedução é *como uma carícia de ser na tentativa de desalojá-lo de sua fixação* (2008, p. 26). Aqui, convém ler tal carícia como a promessa de ser que o falante tenta colar a si para remediar sua falha ontológica (nos orientando, assim, pelas coordenadas de Lacan para pensar o estatuto do falasser).

Existe sedução quando os nomes vacilam em sua garantia de significação. Podemos destacar o transtorno sígnico na base da experiência sedutora e condensar essa torção sob uma fórmula elementar, ao dizermos que a sedução opera quando *isso já não é mais aquilo*, produzindo algo que podemos chamar de um abalo fantasmático, ferida que pode ou não se converter em *outra* coisa. Neste vórtice, a sedução abre uma voragem, incitando a advir o *outro* de cada um, justamente nesse lugar de ferida, de divisão, de exílio constitutivo: núcleo de um vazio de ser onde as promessas mais tremeluzentes evocam a paixão por adornar ou curar essa ausência. É aí, nessa experiência de crise da significação, que a sedução dilata nossa experiência na língua, tendo essa irrupção o efeito de um corte que busca *se-dizer*.

Aquele capaz de convocar (ou chamar a falar) nossa divisão adquire esse efeito de atravessamento sobre nós. É o que alguns sedutores (também os artistas e, nos felizes casos, os analistas) propõem quando se dirigem a esta dimensão apartada de cada um. *Sedução é ser nomeado a partir da própria discordância de si mesmo, de seu lugar de ausência de si* (SIBONY, 1991, p. 37). Aquele que, sabendo-o ou não, consegue de algum modo conjurar essa diferença de nós mesmos e jogar com esse movimento, está no campo da sedução.

Diante de uma incerteza sobre o sentido, é sedutor o objeto que se insinuar como detendo um saber que organize esta fratura aberta (e haveria de se considerar

especialmente em *como* se abre esta dimensão). Desta forma, vale apontar: não há sedução que não esteja atrelada a uma promessa – e a um deleite! – de saber. Não era isso o que as sereias ofertaram a Ulisses?

Vem cá, Odisseu muita-história, grande glória dos aqueus, ancora tua nau para ouvires nossa voz. Nunca ninguém passou por aqui, em negra nau, sem antes ouvir a melíflua voz que vem de nossa boca; mas ele se deleita e parte com mais saber. De fato, sabemos tudo que, na extensa Troia, aguentaram argivos e troianos por obra dos deuses. Sabemos tudo que ocorre sobre a terra (Homero, 2014).

Não era somente porque o canto das sereias era misterioso e belo que os marinheiros se desviavam de sua rota. Ovídio o diz na obra já citada aqui: as sereias eram *doutas* (2017, p. 307), havia uma oferta de saber que fazia apelo, inclusive, à vaidade dos navegantes. Não é uma sedução distinta daquela que a serpente realizou com Eva (e esta, com Adão) no Jardim do Éden. Eis aqui seu discurso:

Ao convidar Eva a provar da maçã: *certamente não morrereis; porque Deus sabe que no dia em que comerdes do fruto, abrir-se-vos-ão os olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal* (BIBLIA, Gênesis 3:4-7).

Para aproveitar uma feliz expressão de Jacques André, as sereias, bem como a serpente emprestam *reticências ao objeto* (2001, p. 104), dilatam sua presença, irradiam o alcance de seu brilho. Como se dissessem: *serás outro depois de ter acesso a este saber*. Fazem apelo aí. Só haverá sedução quando e para quem puder supor saber alhures.

Com as ideias articuladas até aqui, é possível extrair uma consequência sutil, mas decisiva para nossos fins: a sedução não está determinada por um determinado conteúdo ou um determinado ser, não possui verdade ou substância própria. A figura sedutora tampouco. Valeria dizer: ninguém seduz pelo que é. Melhor seria dizer que seduzimos por nossa divisão, pela própria subtração de sentido da qual somos o efeito. Sibony: *Não é o objeto que seduz, mas sim o fato de que um fluxo de palavras o desvia, o atravessa, o coloca em ressonâncias, em desarranjo* (1991, p. 121). O saber prometido necessariamente depende de um vazio no qual o seduzido injeta o próprio esplendor que o cativará. Toda sedução, portanto, opera com o encanto – sempre fomentado pela nostalgia – de uma possível sutura da divisão subjetiva. Breton propôs uma versão emblemática sobre essa relação de brilho promovido por um saber: *tudo se passa, realmente, como se eu me tivesse perdido e alguém, de repente, me viesse dar notícias minhas* (1971, p. 12). Todo seduzido está na mesma posição de Breton, desejando encontrar a parte ausente de si mesmo.

Desambiguações: fascinação, sideração e desejo

Para além da dimensão da *corrupção*, é comum encontrarmos a sedução associada a outros nomes que são tomados quase como sinônimos. Tanto Freud quanto Lacan fizeram o mesmo, destacando a sedução por seu poder de *despertar* bem como por seu caráter potencialmente *traumático*. Pelo momento, tomemos isto como índice de uma questão que solicita debate. Nesta parte observaremos alguns aspectos fundamentais que nos convocam a acolher distinções decisivas.

O sentido mais frequentemente – e equivocadamente – atribuído à sedução, é o da colagem. A sedução é comumente confundida com o fascínio, com o efeito hipnótico, siderante. Conviria distinguir estes efeitos uma vez que, como marcado na origem da palavra, seu primeiro efeito é o de uma *descolagem*. É somente a partir daí que a colagem – como urgência – brotaria como *efeito* na tentativa justamente de anular a abertura vertiginosa que a sedução desencadeia. A paixão, por exemplo, seja ela odiosa ou amorosa, vem como resposta para reinstaurar o lugar transtornado em seu sentido prévio. Examinemos três expressões e suas distintas marcações.

Fascinação

Em *O sexo e o assombro* (1996), o escritor francês Pascal Quignard nota que aquilo que os gregos chamavam de *phallus*, os romanos chamavam de *fascinus*. *Fascinatio* era o nome dado à relação que se estabelecia entre o sexo masculino ereto e o olhar que o surpreendia nesta contratura. Aqui, interessa menos privilegiar o órgão em si (tampouco seu suposto ‘detentor’) que destacar a relação de encaixe entre um objeto e um olhar, e da força de atração em jogo. Fascinante diz da relação de coalescência entre um objeto e um olhar.

Imagem irresistível que concentraria todos os poderes do encantamento, *o fascínio é a paixão da imagem* (2011, p. 24) diz Blanchot. Encaixe entre objeto e olhar, mas que poderia dizer igualmente do encaixe entre a voz e um ouvido: a voz também haveria de ser pensada como fascinante², tal como o efeito produzido pelo canto das sereias, ou mesmo o poder da mãe e seu dialeto encantatório oferecido a um filho: a língua materna.

² Em *O ódio à música* (1999), Quignard recupera a íntima relação entre o ato de ouvir e o de obedecer, destacando a complementaridade que ambos atizam. *Ob-audientia* é a palavra do latim para designar a obediência, enquanto *audientia* refere-se à escuta destacando, no cerne da voz, seu caráter imperativo. (cf. p. 64).

Nos primeiros anos de seu ensino, Lacan privilegiou bastante a teorização do registro imaginário, pensando-o em articulação com o estádio do espelho e alguns de seus esquemas ópticos. Disse em 1961 que é justamente naquilo que falta à imagem *que se origina tudo o que será a continuação da relação do sujeito com o objeto do desejo* (1961/1992, p. 375). No entanto, no lugar de interrogar os atributos que conferem a um objeto tal predicado, é antes o vazio onde ele se forja que detém o poder fascinante: *o objeto é interrogado até as profundezas de seu ser, por onde ele é solicitado a mostrar aquilo que ele tem de mais escondido para vir preencher essa forma vazia na medida em que ela é forma fascinante* (idem). Se é da relação entre o vazio e o véu que o recobre que deriva o poder fascinante, o objeto que herda esse efeito será aquele que puder oferecer uma borda particular a ele.

O fascinus detém os olhos a tal ponto que eles não conseguem desviar, diz Quignard em *O sexo e o assombro* (2016, p. 3). Neste contexto, a fascinação interessa pela relação que insinua com a sedução. Ambas estariam em polos opostos, na medida em que a sedução incita um movimento que, no fascinado, resta petrificado. Ambas podem ser experimentadas por uma mesma pessoa a partir de um mesmo acontecimento, mas o que se propõe aqui é discriminá-las como correspondendo a efeitos distintos. A fascinação anula a sedução, consistindo em um efeito de amarração, enquanto a sedução consiste em um efeito de deslocamento. Aliás, já se pode adiantar ao leitor: a fascinação tanto pode ser lida como uma das respostas eventuais à sedução, como esta pode ser lida como uma das formas de des-fascinar alguém. Por essas sendas começa a se delinear uma discussão que este artigo visa introduzir com trabalhos complementares futuros: a pertinência da articulação destes termos com a direção do tratamento.

Sideração

Na acepção moderna, siderar corresponde a deixar sem ação, paralisar ou fulminar. Diz do estupor profundo vivido a partir de uma situação inusual, reação de paralisia que impede o pensamento e a ação: efeito de estarecimento, impossibilidade de responder a um acontecimento. Aproxima-se bastante do estado fascinante descrito acima, no entanto, a sideração carrega origem distinta já que, segundo a astrologia antiga, seria um efeito produzido pela influência que os astros exercem sobre o destino humano. *Sidus* é plural de *stella* (estrela) e nomeia a constelação que preside o fim do inverno. O dicionário *Ernout et Meillet* diz que *sideratus* diz daquele que é *tocado, atingido por um astro* (1959, p. 623).

A partir daí, *con-siderar* corresponde ao gesto de contemplar, examinar os astros em busca das referências que orientem a vida dos homens, saber ler as figuras que os astros compõem. Trata-se de uma leitura que se sustenta em um referente orientador, e que a princípio indicou a prática dos sacerdotes para predizer o futuro. Siderado, portanto, é aquele que está atrelado a um referente.

Desejo

A etimologia designa *desideratio*, *desiderium* como a nostalgia de uma estrela, ou ainda como a falta dolorosa de um objeto celeste que desapareceu. Daí justifica-se a dimensão de pesar que pode então ser articulada a este campo. O vocábulo do latim *desiderium* opera como negação do termo anterior: o desejo é o que nega a sideração, o que des-sidera. Se *con-siderar* é ver e *siderar-se* é ficar paralisado pela presença do astro, *desiderar* seria deixar de ver, constatar sua ausência.

O *desiderado* seria aquele que perdeu a referência do astro, que não está mais orientado por aquilo que governava seu destino. Se *desejar* implica na perda visual do referente, significa também que a partir desta ausência visual somos convocados a alucinar, imaginar, preencher, criar o que não está mais presente.

Pontalis um dia construiu uma frase bastante alinhada a este respeito para dizer de sua hipótese para a origem do pensamento: *é o arrancamento do ver que o inicia, um arrancamento sempre a ser refeito, a tal ponto a atração pela imagem nunca deixa de ser ativa* (1991, p. 208). Leiamos: haveria um efeito promovido via imagem que impele à colagem, enquanto o pensamento necessita de alguma distância para instituir aí uma mediação via linguagem, isto é, via registro simbólico. O pensamento brota de uma perda de visão imprevista.

Pelo momento, propõe-se alinhar o seguinte: a fascinação e a sideração dizem não apenas de uma detenção do movimento, como trazem para perto um objeto-referente em torno do qual um sujeito permaneceria orientado: fim das questões. A colagem sustenta toda demanda por compreensão e sentido. De outro lado, desejo e sedução apontam para a queda deste referente concreto, de modo a lançar o sujeito em um movimento à procura de, a partir de uma ausência instituída ou reaberta. A sedução figura como a via que pode relançar o campo desejante.

O vazio, a promessa e o engano

A sedução opera sobre um princípio de vazio, reabrindo o lugar inabitado da linguagem, condição dada pela impossibilidade inerente à condição de toda língua, para vir aí agenciar seus efeitos. *O vazio é a própria fonte de sedução*, diz Juranville (2008, p. 31). Neste caso, façamos outra distinção: é preciso, primeiro, que um evento aponte, perfure, faça claudicar e, assim, desvele este lugar vazio para, em um segundo momento, um novo referente (sedutor) insinuar-se como portando um saber sobre tal vazio: um saber *sobre tudo que aguentaram argivos e troianos* e sobre o deleite incandescente da “*melíflua voz*”³. *Se há saber alhures, então o saber que eu detenho não é pleno*, um seduzido poderia dizer. Foi por essa via que a serpente cooptou Eva: *há um saber que te escapa*. Só aí o vazio vibrou. A sedução, portanto, é um tipo de jogo possível com essa identidade impossível, tributária de nossa condição de falta-a-ser.

Às vezes a figura sedutora é a mesma que desbaratinou o arranjo, mas não devemos fazer disso uma condição necessária: podem ser agentes distintos. Miragem de encontro com o astro siderante: aquilo que colmataria a fissura (re)aberta.

Tomemos Johanes, de *Diário de um sedutor*, que deseja desviar Cordélia de seu noivo para insinuar-se como novo objeto de sua paixão. Ou o Visconde de Valmont (incitado pela Marquesa de Merteuil), que intenta fazer Madame de Tourvel ceder de suas virtudes mais caras por amor a ele (tanto no livro como no filme *As ligações perigosas*). Ou mesmo Don Juan, que alude uma outra vida às camponesas e mulheres casadas que propõe conquistar. São alguns exemplos que indicam que a sedução passa necessariamente por abrir o descolamento de um lugar ao mesmo tempo em que aludem, cada um a seu modo, a um outro lugar vislumbrado, *necessariamente*, via discurso.

Todavia, se por um lado não há sedução que não esteja atrelada a uma oferta e uma promessa de saber, também não há sedução que perdure com uma nova estabilização de sentidos e conhecimento. Como se o conhecimento – as luzes da razão, diriam os iluministas – pudessem nos retirar das trevas... da sedução! O conhecimento, na medida em que opera como fechamento de sentidos, é justamente o que anula a sedução.

A sedução visita estes pontos de promessa de fundação. A colagem à qual a sedução faz alusão visa a fundar o que ‘faltou’, o que equivale a dizer: fundar o que não se inscreveu. Mas ao mesmo tempo, a sedução é ela própria a experiência que contribui para dissolver os alicerces que sustentam as fundações.

³ Vide a citação de Homero na pg. 5

Assim, em um tempo a sedução deseja desembaraçar a linguagem, descolá-la – ainda que temporariamente – de suas leis, desenredá-la de seus limites, entregá-la a novos jogos. Em outro, porém, ela insinua uma recolagem e encarna uma promessa. Vai-e-vem astuto, relançando-nos aí em movimentos intermitentes. A sedução é, ao mesmo tempo, matéria feita do *irrealizado da palavra e da linguagem* (2004, p. 148), na adorável expressão de Roland Gori, e aquilo que promete chegar no irrealizado.

Diante dessa dupla mola, a pergunta que esta dissolução nos abre, em alguma medida, diz respeito à satisfação possível nesse movimento: de que maneira desarranjar uma estrutura – e convocar a um novo arranjo – pode ser uma experiência potente e criativa? Ao mesmo tempo: por que só para alguns esta experiência seria acessível, posto que, para muitos, o desarranjo redundará em nada mais do que melancolia, ódio e recusa ao desejo? Em alguns casos, essas alternâncias podem ser vividas como uma maravilha, mas em outra faceta desta experiência, o que se recolhe junto àqueles que foram seduzidos são horror, angústia e decepção. De que depende que se possa experimentar encontrar satisfação nesse jogo com a sedução?

Tomemos o engano como a estratégia própria à sedução, tal como nos propõe Baudrillard: *a sedução produz apenas engano e dele obtém todos os poderes* (1991, p. 80). Tal autor mostrará como trata-se aqui de uma das vias privilegiadas de acesso a esse vazio: *Seduzir é morrer como realidade e produzir-se como engano* (p. 79). Escutemos este grifo: é no engano que uma força se abre. É porque algo sobra, algo falta, algo não se adequa, nem se diz, que o vazio torna-se novamente fonte desse estranho poder.

Sibony concorda com esse atributo, ao referir-se à sedução como *essa oferta permanente de trocar de engano* (1991, p. 37). Se a compreensão vem acabar com a sedução, é o engano que mantém o movimento engajado. Nesse caso, haveríamos de nos perguntar como cada seduzido atravessa e significa esse encontro com o engano, e quais variáveis participariam de sua construção.

Tal condição é, por estrutura, tributária de nossa presença na linguagem, engano do qual inclusive gozamos, como de *uma decepção consentida, de uma “aflição” assumida* (1991, p. 37), como diz Sibony. Novamente, não seria qualquer engano que poderia compor a experiência de sedução, haveríamos de pensar em um engano sofisticado, crível, algo que realmente tenha conseguido cintilar a atenção em uma direção, produzir um engajamento desejante para, depois, surpreender. Trata-se de um engano que fisga. O que brilha na sedução, propõe Baudrillard, é, antes, *o eclipse de uma presença* (1991, p. 107).

Por outro lado, poderíamos dizer que a compreensão, a ordenação dos sentidos e a certeza são os recursos que permitem sair da sedução. A demanda por transparência e por plenitude de saber, neste caso, culminaria na anulação de qualquer efeito sedutor: *Que tudo me seja transparente, para que nada jamais me seduza!*

A participação do seduzido

Uma das perguntas mais intrigantes sobre o tema da sedução diz respeito ao tipo de participação do seduzido na cena que o atrai. Quais condições no seduzido têm papel em tal cena? Em que medida ele é cúmplice da sedução que o invade?

A sedução faz, com efeito, alguma coisa cantar no seduzido (1999, p. 77), diz Assoun, psicanalista francês, avançando no desejo de ouvir, de ver e de saber em jogo. A sedução fisga o seduzido *nas redes de uma imagem* (p. 75), mas, adverte o autor – e esta asserção é fundamental para os fins deste artigo – essa imagem é parte constituinte do próprio sujeito, não é alheia a ele, não é simplesmente de outrem, não é sem a cumplicidade do seduzido, tratando-se de uma *disposição pulsional: toda sedução pelo outro é também sedução por si mesmo através do outro* (p. 77).

O autor recorre ao mito das sereias para localizar ali a participação do sujeito diante da revelação de uma cena na qual o desejo do Outro ganharia sua encarnação: cena-espetáculo. A hipótese em questão indica que as sereias seduziam ao despertar nos homens um desejo de totalidade, de reencontro com aquilo que estaria perdido. *Aquilo tudo que perdeste para se fazer, poderá recuperar ao ouvir o que temos a dizer*, é daí que sua oferta adquire centralidade. Nada mais, nada menos que um avatar do objeto a, como Lacan o formalizou.

Sibony fornece uma pista: *o próprio enraizamento do ser falante na fantasia e no ritmo de eclipses e retornos que se seguem é marcado por uma irrupção de “objetos”, sinais sedutores do inconsciente, e pelo horror que é a invasão forçada do ser por ele mesmo* (1991, p. 31). Tesouro a ser recolhido: na sedução o seduzido é invadido... por ele mesmo! Atravessado pela própria fantasia, esta mais ou menos recusada, mais ou menos estranha, mais ou menos estrangeira. *Muitos têm horror a serem invadidos (...) não gostam que os seduzamos, isto é, que os confrontemos com seus limites, limites que fazemos vacilar, enquanto eles os pretendem inertes e estáveis* (p. 19). A sedução atualiza para cada falante sua relação com seu próprio limite, e por isso mesmo, com seu próprio desejo.

No lugar da conclusão, uma sedução

O começo que este artigo efetua visa a uma sensibilização para a potência de articulações e questões possíveis de serem recuperadas para o crítico trabalho com este termo. Resta, ainda, um campo imenso de elementos a serem articulados. Entre eles: a temporalidade da sedução, os diversos modos de resposta à sedução (incluindo-se aí um necessário e cuidadoso debate social) e um aprofundamento nas articulações entre sedução, linguagem e temporalidade. A relação com a contingência, com a dimensão de jogo, com a abertura à alteridade, com as condições culturais também serão solicitadas neste debate. Ademais, faz-se necessária uma leitura do tratamento histórico dado a este termo dentro do campo psicanalítico, desde os primórdios das reflexões freudianas, até os dias de hoje. A partir daí, seria possível reabrir um debate que pretende pensar a sedução articulada a uma proposta de leitura sobre um tratamento analítico e a direção de uma análise, sua relação com o sintoma, com a repetição, com o gozo, com a angústia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Jacques. Entre angústia e desamparo. In *Ágora*, v. IV n. 2, 2001, pp. 95-109.
- ASSOUN, Paul Laurent. *O Olhar e a Voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1991.
- BIBLIA. Versão online. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/tb/gn/3>>.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BRETON, André. *O amor louco*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.
- ERNOUT, Alfred et MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine – Histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.
- GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- JURANVILLE, Anne. Du refus de la séduction. In *Le Journal des psychologues*, 2008/6, n. 259. Artigo disponível em <<https://www.cairn.info/revue-le-journal-des-psychologues-2008-6-page-31.htm>>.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- OVIDIO. *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PONTALIS, Jean-Bertrand. *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- QUIGNARD, Pascal. *Ódio à música*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PAULA, Laerte de. Coordenadas para uma leitura dos movimentos da sedução. **BIBLIOTECA VIRTUAL DO INSTITUTO VOX**, novembro de 2021.

QUIGNARD, Pascal. *O sexo e o assombro*. Trad.: Verónica Galindez e Leda Cartum. Versão eletrônica (fora de circulação comercial), 2016.

SIBONY, Daniel. Séduction, fantasme et origine. In *Le Journal des psychologues*, 2008, n. 259. Artigo disponível em <<https://www.cairn.info/revue-le-journal-des-psychologues-2008-6-page-22.htm>>.

SIBONY, Daniel. *Sedução, o amor inconsciente*. São Paulo: Brasiliense, 1991.